

## O CANTO DA SEREIA: ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO ATRAVÉS DAS MÍDIAS SOCIAIS

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosanne Bezerra de ARAÚJO<sup>i</sup> (UFRN)

Mestranda Layana de Fátima Brasil de Freitas CUNHA<sup>ii</sup> (UFRN)

### **Resumo:**

A preocupação com o aproveitamento da disciplina de Literatura no ensino médio nos faz repensar a abordagem histórica que geralmente lhe é conferida e a buscar novos recursos pedagógicos que permitam diminuir o insucesso escolar nesta fase. Partindo de estudos que apontaram as dificuldades dos professores e sabendo que existe grande resistência dos alunos em proceder à leitura da obra literária, propõe-se um projeto para um bloco de aulas pautado na interação do aluno com o texto literário usando como ferramenta as mídias sociais *Facebook* e *Twitter*. Acreditamos que a aproximação do adolescente com a obra literária através de uma ferramenta que possibilite a discussão dos tópicos com seus colegas e que já faz parte de seu dia a dia facilite a produção de sentido para o texto. Espera-se que o professor tenha alunos mais receptivos e dispostos a compreender os aspectos teóricos e históricos que antes se encontravam esvaziados de significado.

**Palavras-chave:** Ensino de literatura, abordagens, ferramentas .

### **1 Introdução**

Nunca é demais lembrar a responsabilidade dos professores de literatura, no momento que atravessamos, tão próximo da estagnação e do conformismo, como se o desgaste de uma utopia fizesse esquecer a permanência de sua necessidade

Lourival Holanda

A proposta de abordar o ensino de literatura no ensino médio por si só já suscita vários possíveis olhares sobre os problemas aí implicados: o tempo curto que é destinado à disciplina quando da divisão das horas-aula pelo número de componentes do currículo; a formação do professor; o livro didático que, quando existe, costuma dar uma visão puramente histórica da literatura; a falta de intimidade do discente com a obra literária e até mesmo a gama de opções de entretenimento de que dispõem hoje os jovens através da internet. Este último aspecto merece atenção especial por seu caráter múltiplo na sociedade atual.

A internet tem possibilitado um acesso ao conhecimento de uma maneira que jamais a humanidade havia experimentado antes. Ao conectar-se com a rede, as pessoas podem ler desde trabalhos acadêmicos até simples bulas de remédio. Ocorre que entre as teses e o receituário está uma infinidade de *sites* com os mais diversos conteúdos: *blogs*, jogos, vídeos, músicas e redes sociais, que preenchem o dia a dia dos jovens e saciam a sede de

conhecimento que eles evidentemente têm. A internet não tem filtro, tanto o conteúdo bom quanto o ruim estão à mesma distância do usuário, que pode deixar de ser agente do próprio conhecimento (ao acessar *sites* de universidades, jornais, museus, por exemplo) para continuar a ser mero telespectador ao apenas utilizar a rede somente para assistir *clips*, programas de televisão ou vídeos de comédia.

Ao confrontar os desafios do ensino de literatura com o panorama atual seria impossível deixar de levar em conta o impacto da internet na vida dos jovens. Grande parte deste impacto advém do uso intenso das mídias sociais – onde o usuário se conecta com amigos reais e virtuais para troca de mensagens, exposição da própria opinião e compartilhamento de toda sorte de arquivos que se possa imaginar. O jovem que está 24 horas por dia *on-line* tem sido o terror dos professores e bedéis nas escolas.

É interessante notar que, apesar da revolução que a internet trouxe, a fuga da atenção dos estudantes não é nova. Se hoje temos *facebook* a distrair e tomar o tempo do estudo, outrora foi a fotonovela, o rádio, os folhetins no pé do jornal ou os programas de auditório. Todos eles têm algo em comum: cada um a seu modo dão conta da necessidade universal do ser humano por ficção. Lígia Averbuck, em *Literatura em Tempo de Comunicação de Massa* (1984) argumenta que a resposta a esta necessidade por ficção sempre poderá ser dada através da literatura, mas que temos que ser capazes de perceber que ela pode estar em novos suportes:

...os elementos de ficção e imaginação que acompanham as manifestações humanas, das quais a arte é um dos veículos mais antigos, transfiguram-se, adquirindo novos suportes, na medida da necessidade que hoje os transforma em produtos. Ainda que mascarada, a literatura (no seu sentido mais amplo), uma das modalidades que funciona como resposta à necessidade universal de ficção, ressurgue, hoje, transformada enriquecida, devolvida, frequentemente em novas formas. (AVERBUCK, 1984. p. 04)

Se no início da década de 80, período do livro de Averbuck, a autora admite que a literatura está presente e muitas vezes serve de base para produção da cultura de massa podemos atualizar seu registro para abarcar também a nova mídia de massa que é a internet. Sob a plataforma da internet estão também arquivos de livros inteiros para *download*, centenas de *sites* que trazem resumos e resenhas literárias, aulas em *sites* de vídeos, e muitas citações e charges que se utilizam de obras literárias para criação de sentido.

Propomos no texto a seguir possíveis usos das mídias sociais para complementar a abordagem do professor em sala de aula. A ideia é aproveitar a curiosidade natural do ser humano e seu gosto por ficção utilizando a mídia da qual ele se encontra imerso. Ao ver uma obra literária, que poderia ser encarada de modo duro e descontextualizado da realidade, ser tratada como qualquer outro tema dentro da rede que ele já conhece tão bem, é possível quebrar a resistência do aluno para com as obras e aumentar o nível de leitura ao trazer as discussões do mundo virtual para a sala de aula.

## **2 A literatura enfrenta a rejeição dos jovens alunos**

Não constitui novidade alguma os dilemas enfrentados pelos professores de literatura quando se inicia o estudo de alguma obra em sala de aula. A escolha do livro é só o primeiro de vários obstáculos que vão sucessivamente se interpondo entre a obra e os alunos. Seja pelo tamanho da obra, pela fama do autor, a tipografia da letra, preço do livro, enredo ou gênero, parece que os alunos sempre tem algo a dificultar-lhes a leitura.

Muitos arriscam dizer que nossos jovens têm dificuldade de concentração e desinteresse pelo estudo devido à multiplicidade de estímulos que recebem dos meios de comunicação e das novas formas de entretenimento. Não é isso que mostram pesquisas feitas ainda no início da década de 80, período em que o Brasil não tinha mais que três canais de televisão de alcance nacional e nem sonhava com internet nos domicílios. Uma destas pesquisas é a de Maria Thereza Fraga Rocco, intitulada “Literatura/Ensino: Uma Problemática”, em que a autora analisa entrevistas feitas com professores e alunos e discute com muita propriedade as razões do afastamento que os alunos mantêm da literatura.

Ao analisar as entrevistas com os professores notou-se que muitos baseavam suas aulas realizando uma abordagem histórica e filológica da literatura, o que teve muitas vezes o efeito de fazer com que o aluno formasse a ideia de que literatura era relacionar obras e autores em uma linha do tempo ou usar de textos literários para o estudo da língua portuguesa. O comentário a seguir, extraído da resposta de um aluno de 12 anos à pergunta “Você sabe o que é literatura?” é um exemplo: “Sim, Literatura é o conhecimento das obras e regras literárias”. Adolescentes um pouco mais velhos também pareceram confusos diante da pergunta. Marcelo, 16 anos, respondeu que “literatura serve para termos uma ideia dos acontecimentos de tempos passados”. (ROCCO, 1981, p 54)

Este tipo de resposta é preocupante e mostra o quanto a abordagem puramente histórica pode dificultar a compreensão de algo que deve ser entendido como arte e livre de regras limitantes. Como fazer com que obras que exploram fluxo de consciência ou realismo mágico tenha sentido para um aluno que pensa que a literatura serve para contar o passado?

Ao não compreender o real sentido de uma arte, não conseguir entrar em contato com ela profundamente e aproveitá-la como algo prazeroso o aluno cria distanciamentos cada vez maiores. Ao serem questionados sobre gostar ou não de estudar textos e o que eles descobrem quando estudam os textos os adolescentes deram, em geral, respostas como estas:

“Não gosto de estudar textos. Não descubro nada porque já vem tudo explicadinho”

“Sim, gosto. Descubro quando devemos colocar vírgulas, travessão, pontos etc.”

“Não gosto. Não descubro nada, pois não presto muita atenção” (ROCCO, 1981 p. 57)

Depoimentos como estes, de trinta anos atrás, que poderiam fazer baixar a cabeça de muito educador devem ser lidos nas entrelinhas pelos professores e pesquisadores do século XXI. Outro aspecto importante obtido das respostas dos alunos diz respeito à escolha dos livros trabalhados em sala de aula, pois grande parte reclama de não ter o gosto da sua

geração levado em conta. Na visão dos educandos, o professor escolhe apenas o que ele mesmo gosta ou já leu, a fim de facilitar-lhe o trabalho. Consideram também a história lida desprovida de sentido e distante demais da linguagem coloquial, o que se torna mais um obstáculo em sua leitura.

Teriam estes jovens alguma razão? Seria presunçoso de nossa parte pensar que não e atribuir-lhes toda a culpa pela falta de empatia com a disciplina e, pior ainda, creditar seu péssimo resultado simplesmente à falta de empenho para com os estudos ou desvio de atenção provocado pelos meios de comunicação. Seria encontrar uma explicação fácil para um tema complexo e não abre caminhos para uma solução. Esta saída é cômoda e ainda vem sendo usada hoje, na era da conectividade. A internet é hoje a vilã que tomou de assalto a cabeça dos estudantes e contra a qual a literatura estudada em sala de aula precisa debater-se. Mais interessante seria se esta ferramenta tão sedutora estivesse aliada ao professor e servindo de suporte para a transmissão de parte do conteúdo visto em sala de aula. O próximo capítulo expõe a semente desta ideia, ao pensar sobre a imbricação que sempre houve entre os meios de comunicação de massa e a literatura.

### **3 A “salada de gêneros” que a cultura de massa nos proporcionou**

Em seu famoso texto “O direito à Literatura” Antônio Candido (1995) nos provoca ao colocar a literatura como um bem incompressível devido à nossa necessidade de entrega ao universo fabulado. Candido assinala que não conseguimos passar muito tempo sem mergulhar no universo da ficção e por isso o acesso a Literatura se constitui em um verdadeiro direito.

A fruição da ficção se dá por diversos meios: da narrativa oral ao Haicai temos múltiplas maneiras de contar uma história. O que o aluno deve saber é que a Literatura serve de fonte para a maior parte das narrativas da qual ele tem acesso e que buscar estas histórias nos livros lhe dará a independência da interpretação. Ser um leitor dá ao indivíduo a liberdade de não precisar esperar que uma narrativa lhe seja contada ou transformada em filme, novela, quadrinhos ou seja lá qual plataforma ela ganhe.

A apropriação da literatura pelos outros meios de difusão de cultura (rádio, televisão, jornais, revistas, etc.) é como uma faca de dois gumes na nossa sociedade. Quando ela inexistente fala-se da pobreza de conteúdo e quando existe, a banalização e a interpretação dada é tornam-se o problema. Fato é que, goste-se ou não, é por meio da cultura de massa que a maior parte dos estudantes tem contato com narrativas literárias.

Curioso é notar que apesar de amplamente alicerçados na Literatura, os veículos de difusão da cultura de massa são apontados por pais e professores como uma das causas do desinteresse dos estudantes pelos livros. Tanto há três décadas como agora o estudante é acusado de desviar sua atenção dos estudos e da leitura dos textos para o entretenimento através da televisão, filmes, jogos, quadrinhos e hoje, internet. Em entrevista dada à pesquisa de Rocco (1981), Décio Pignatari leu as entrelinhas nas respostas dos alunos e comenta:

O aluno em si não é contra a palavra. A palavra escrita, tal como foi sendo desenvolvida, com todo mundo aborrecendo, dizendo que é preciso ler porque a cultura depende de leitura, é um negócio muito careta que aborrece os adolescentes. Porém, se ela for

colocada ao nível dos outros signos, onde se perceba que é importante tanto um quanto outro sistema de signos, ele vai achar interesse nisso como acha em histórias em quadrinho. (ROCCO, 1981. p. 132)

Este cabo de guerra criado entre quem tira ou não a atenção do estudante ou, de outra forma, entre quem melhor consegue seduzi-lo, pode diminuir se os professores forem capazes de extrair o melhor de cada lado. Aproveitar a busca por ficção que é natural do ser humano e a simultaneidade de percepções própria da geração que enxerga a internet com a mesma naturalidade com que enxergávamos o rádio.

Cada geração elegeu as causas do distanciamento dos alunos em relação à literatura. Nos dias atuais, em tempos de internet sem fio e telefones conectados, parece surreal pensar que obras de autores como Alexandre Dumas e Balzac foram consideradas popularescas por utilizar o folhetim para publicar. Hoje professores ficariam felizes se o aluno consumisse esta literatura. O rádio é outro meio outrora relacionado com a falta de vontade para a leitura mas que, no entanto, foi responsável por veicular poesia e prosa literária a quem não podia ou não sabia ler.

Em *Literatura em Tempo de Cultura de Massa* (1984) temos um excelente panorama da maneira como, sucessivamente, o rádio, a fotonovela, o cinema, a televisão e qualquer outro meio que se aproprie da literatura como produto foi visto com desconfiança. Cada um dos veículos de comunicação de massa bebe na fonte literária e adapta o conteúdo a seu modo. O jornal publica contos e romances em capítulos. Foto-novelas foram encartadas em revistas femininas e folhetos publicitários. O rádio utiliza-se de poemas ou narrativas adaptadas para rádio-novelas, O cinema chega a adaptar uma história tal e qual está retratada no livro ou, inversamente, apropria-se de um personagem literário e constrói outra narrativa. A tão temida televisão chega a esticar narrativas curtas e adiciona personagens para atingir seu objetivo de entreter pelo maior tempo possível.

Há um denominador comum quando se põe à mesa todas estas formas de uso da literatura fora do veículo livro: elas foram hábeis em aproveitar a necessidade humana por ficção e trataram de oferecer seu conteúdo aos poucos. Assim como dificilmente alguém lê um imenso volume de páginas em um só dia, não é preciso satisfazer a curiosidade gerada pela história já no primeiro contato. Os veículos de massa trataram de transmutar toda história em uma espécie de folhetim. A novela *Ciranda de Pedra* que foi ao ar pela primeira vez em 1981, adaptada do romance homônimo de Lygia Fagundes Telles é um ótimo exemplo. As 150 páginas do livro deram origem a 155 capítulos. Um romance intimista, com pouca ação e poucos personagens foi alargado, ampliado, ganhou novos personagens e fez com que o livro chegasse à sua 10ª edição no ano da exibição da novela.

Pensar a repercussão que uma obra atinge após sua veiculação nas grandes mídias nos dá também a possibilidade de ver o problema do distanciamento dos jovens para com a literatura sob novo ângulo. Se por um lado temos uma dificuldade em fazer com que os alunos procedam à leitura dos livros indicados na escola, por outro temos um indivíduo consumidor de histórias, que tem o gosto pela narrativa seriada, e que passa horas conectado à internet. Sendo a rede mundial mais um veículo de cultura de massa é natural

pensarmos que a aproximação entre este e a literatura é uma realidade para a qual muitos ainda não abriram os olhos.

Através da internet qualquer indivíduo que saiba ler tem acesso a um sem número de títulos, resenhas, resumos, artigos e vasto material acerca dos livros que até 20 anos atrás estavam restritos às bibliotecas. Se a mídia tradicional tratou de reproduzir, condensar e oferecer as histórias literárias em “picadinhos de romance”, a internet pode oferecer tudo isso e ainda possibilitar algo novo: a participação do leitor, que hoje se expressa através de *blogs* e mídias sociais emitindo sua opinião e até produzindo conteúdo.

O momento é propício para um uso sistematizado das mídias sociais uma vez que esta é a mídia em que se encontram imersos os estudantes atualmente. A prática que será relatada a seguir deve ser compreendida como algo extensivo à prática de sala de aula e não como núcleo da ação pedagógica. Será sempre uma soma, jamais uma substituição do trabalho realizado na escola com a literatura.

#### **4 Mídias sociais a serviço da literatura**

O uso de mídias sociais no ensino já começa a ganhar corpo no Brasil. De acordo com dados da Cetic.Br (Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação), 99% dos professores tem acesso à internet, seja em domicílio ou na escola. No momento atual ainda são usados basicamente os recursos que permitem a comunicação professor-aluno para o envio de avisos, compartilhamento de material didático e fóruns de discussão. Muitas vezes, o próprio *site* da instituição permite estes usos e os estimula para que a interação entre a turma e o professor aconteça sob supervisão.

Fora das paredes da escola encontramos iniciativas como o *Brainly*, portal onde os estudantes se ajudam com as tarefas escolares por meio de um sistema de pontos, onde só é possível e a visualização de respostas por quem já ajudou a responder alguma outra questão. Há também sites como *edmodo* e o *redetria* que são uma opção para professores e alunos que não contam com rede da própria instituição de ensino.

O uso do *facebook* ou até mesmo do microblog *twitter* aparece como meio mais rápido, uma vez que a maioria dos alunos já o utiliza ativamente. O professor pode criar páginas específicas para as obras trabalhadas em sala e convidar os alunos a participar, bastando um clique. Este espaço deve ser usado pelo professor de forma criativa e alinhada ao uso que o estudante está acostumado a ver naquele ambiente.

Para ilustrar este uso criamos no facebook uma página dedicada ao estudo e discussão da obra *A Hora da Estrela* que pode ser visualizada em <https://www.facebook.com/EstudandoLiteratura> e também um perfil no *twitter*, acessível em <https://twitter.com/OlmpicodeJesus>.

A página do *facebook* é abastecida com elementos que fazem referência à obra ou a autora, como por exemplo, uma caricatura de Clarice Lispector usada para aguçar a curiosidade dos estudantes antes mesmo de iniciar a leitura do livro. Propõe-se que as postagens acompanhem o cronograma da leitura da obra e que sempre que possível aproveite o espaço dos comentários para que os alunos expressem sua opinião, troquem informação e provoquem a criatividade ao relacionar o conteúdo literário à vida cotidiana.

Uma das postagens oferece *link* para uma oferta do livro a preço convidativo, outra tem uma montagem que faz referência ao nome do antagonista, uma terceira mostra foto da protagonista do filme *A hora da Estrela* e pede que os alunos a identifiquem e contem se porventura conhecem alguém batizado com este nome. Este tipo de interação faz com que os alunos que estejam lendo a obra consigam participar ativamente e pode ainda despertar naqueles que resistem a ler a iniciativa de começar, uma vez que naquele ambiente são abordados e comentados os aspectos que mais proporcionam criação de sentido por parte dos estudantes.

No *twitter*, a experiência também pode ser muito enriquecedora. É comum neste site a existência de perfis de personagens fictícios referentes a figuras de deuses, super-heróis, personagens de novelas, filmes e livros, sempre com um tom cômico. Criar o perfil de uma personagem da obra abordada em sala de aula tem o poder de dar humanidade à personagem. As postagens podem ser de frases ou pensamentos que constam no livro ou de outras inventadas, mas que facilmente sairiam dele ao comentar seu dia a dia ou fatos da atualidade. No perfil criado para este trabalho estão vários exemplos deste tipo de interação. Ao progredir com a leitura do livro e o uso do site os alunos podem inclusive separar-se em grupos para que cada grupo seja responsável pelo perfil de um personagem até que a turma termine o trabalho com a obra.

É possível explorar as mídias sociais, pois elas são exploradas ao máximo pelos alunos e nem sempre com fins enriquecedores. O professor não está distante dessas mídias e o conteúdo de sala de aula também não precisa necessariamente estar. Os recursos pedagógicos para o ensino de literatura na escola devem ser todos aqueles que efetivamente alcancem o aluno e não apenas os tradicionais.

Espera-se que os estudantes, através destas novas abordagens, sintam-se mais estimulados a proceder à leitura da obra proposta pelo professor e estabeleçam novas relações de sentido entre a literatura e o mundo ao seu redor.

### **Referências Bibliográficas**

AVERBUCK, Ligia. (org.) *Literatura em Tempo de Cultura de Massa*. São Paulo: Nobel, 1984

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In\_. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

ROCCO, Maria Teresa Fraga. *Literatura, ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981

<http://brainly.com.br/>

<https://www.edmodo.com>

<https://www.facebook.com/EstudandoLiteratura>

<http://redetria.com.br>

<https://twitter.com/OImpicodeJesus>

---

**Autores**

i Rosanne Bezerra de ARAÚJO (Prof<sup>a</sup> Doutora)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: [rosanne.araujo@terra.com.br](mailto:rosanne.araujo@terra.com.br)

ii Layana de Fatima Brasil de Freitas CUNHA (Mestranda)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: [laybrasil@gmail.com](mailto:laybrasil@gmail.com)